

Serviço Social e interdisciplinaridade

Social Work and Interdisciplinarity

R esumo

Este trabalho traz algumas reflexões expostas no Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, em fevereiro de 2003. Propõe discutir alguns aspectos da interdisciplinaridade, um tema recente, complexo e polêmico que desperta muito interesse tanto pela sua aplicação como didática de ensino, quanto por seu emprego como método de intervenção profissional. Procura focalizar as suas implicações em áreas específicas do conhecimento e ponderar sobre a inserção do assistente social no estudo e no trabalho interdisciplinar.

Palavras-chave: interdisciplinaridade, serviço social, intervenção.

A bstract

This work brings some considerations exposed in the Conclusion Course Work, presented to the Social Work Department of the Federal University of Santa Catarina, in February 2003. It proposes to discuss some interdisciplinarity aspects, a recent topic, complex and polemic which rises an interest because its application as a teaching didactic and also its use as a profession intervention method. Redemeeing the implications in the knowledge especifc ranges, considerations are taken about the social worker insertion in the study and in the interdisciplinary work.

Key words: interdinterdisciplinarity, social work, intervention.

Fabiana Regina Ely

Fabiana Regina Ely

Graduanda em Serviço Social pela
Universidade Federal de Santa Catarina.

A fragmentação do saber originou profissionais cada vez mais especializados, cujas competências isoladas não conseguem atender às exigências e complexidades dos problemas atuais. Desta forma, cresce, desde a década de 60, o debate que defende a necessidade de se atribuir um enfoque interdisciplinar à formação e à intervenção profissional. Nas décadas de 1970 e 1980, este debate cresceu de forma lenta e ganhou maiores proporções apenas no final da década de 1990, adquirindo hoje ampla repercussão nos mais variados campos do conhecimento.

Apesar de a discussão ter evoluído, esta tendência não é acompanhada, no mesmo patamar de intensidade, pelas produções bibliográficas publicadas. Outra observação pertinente é o fato de que as discussões teóricas contidas nestas, ainda não deram conta de esgotar as implicações da interdisciplinaridade, uma vez que se percebe uma não-unanimidade quanto a um método, ideal e adequado, para a prática interdisciplinar.

Portanto, a sistematização de estudos sobre este tema é revestida de importante relevância, visto que novas contribuições constituem-se em um auxílio para a compreensão desta nova tendência, atualmente utilizada como um modismo para designar diversas iniciativas, que nem sempre se constituem verdadeiramente como interdisciplinares.

Interdisciplinaridade: formas de abordagem

Reafirmando o caráter complexo da interdisciplinaridade, observa-se que há a possibilidade de efetuar seu estudo a partir de duas abordagens distintas que, segundo Nogueira (1997), embora apresentem uma interdependência, possuem objetivos e procedimentos diferenciados.

A primeira abordagem relaciona-se com a construção do conhecimento, na qual a interdisciplinaridade aparece, de acordo com Nogueira (1997, p. 43), “como um novo princípio organizador do conhecimento”, pois, desfazendo-se das separações absolutas entre as disciplinas, tradicionalmente arraigadas, a interdisciplinaridade proporciona a implantação de uma visão holística e a formação de uma postura crítica.

A segunda abordagem concentra-se na aplicação da interdisciplinaridade como método de trabalho, considerando-a uma ação interventiva, que parte dos mesmos princípios da primeira, destinando-se porém a trabalhar com problemas práticos.

As equipes de trabalho são pré-condição para a sua existência, sendo constituídas por profissionais com qualificações diversas, que interagem de forma a estabelecerem uma troca intensa, pautada em objetivos comuns, com interdependência, coesão e cooperação.

Apesar de ambas as abordagens estarem relacionadas e possibilitarem uma exploração intensiva das suas particularidades, concentrar-se-á, nesta discussão, nas reflexões referentes à segunda abordagem.

Intervenção interdisciplinar: conceitos e implicações

Segundo Vasconcelos (1997), ao se discutir interdisciplinaridade é necessário atentar para uma série de conceitos que apresentam relações semelhantes, com variações apenas no grau de cooperação e coordenação entre as disciplinas. Em ordem crescente, assim podem ser classificados:

- multidisciplinaridade: o trabalho acontece de forma isolada, geralmente com troca e cooperação mínima entre as disciplinas;
- pluridisciplinaridade: as disciplinas

se agrupam de forma justaposta, com cooperação, porém cada profissional decide isoladamente;

- interdisciplinaridade auxiliar: uma disciplina predomina sobre as demais, coordenando-as;
- interdisciplinaridade: as relações profissionais e de poder tendem à horizontalidade, as estratégias de ação são comuns e estabelece-se uma troca recíproca de conhecimento entre as diferentes disciplinas;
- transdisciplinaridade: a coordenação é realizada por todas as disciplinas e interdisciplinas, propondo a criação de um campo com autonomia teórica, disciplinar e operativa.

A interdisciplinaridade situa-se, portanto, em um nível avançado de cooperação e coordenação, de forma que todo conhecimento seja valorizado, com relações de intersubjetividade e de co-propriedade baseadas em uma atitude de diálogo. Nesta interação e articulação entre as diversas áreas do saber envolvidas, é preciso haver respeito à autonomia e à criatividade inerentes a cada uma destas áreas, para que não sejam influenciadas ou excluídas deste processo. Para Etges (1993, *apud* JANTSCH; BIANCHETTI, 1995, p. 14), a interdisciplinaridade:

[...] enquanto princípio mediador entre as diferentes disciplinas não poderá jamais ser elemento de redução a um denominador comum, mas elemento teórico-metodológico da diferença e da criatividade. A interdisciplinaridade é o princípio da máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão de seus limites, mas, acima de tudo, o princípio da diversidade e da criatividade.

Desta forma, o que a interdisciplinaridade prevê não é a anulação da contribuição de cada área em particular, mas, segundo Sampaio et al. (1989, p. 83):

O conhecimento interdisciplinar deve ser a lógica da descoberta, uma abertura recíproca, uma comunicação entre os domínios do Saber, deveria ser uma atitude, que levaria ao perito a reconhecer os limites de seu saber para receber contribuições de outras disciplinas. Toda ciência seria complementada por outra e a separação entre as ciências seria substituída por objetivos mútuos. Cada disciplina dá sua contribuição, preservando a integridade de seus métodos e seus conceitos.

Para que esta interação ocorra de forma eficaz, tem-se como condição primeira a socialização do conhecimento, das linguagens e dos conceitos específicos de cada área envolvida para, posteriormente, promover “[...] uma recombinação dos elementos internos” (VASCONCELOS, 1997, p. 141) que possam facilitar o processo de comunicação.

Percebe-se, contudo, que a retomada da totalidade do conhecimento através da prática interdisciplinar não é uma tarefa fácil, pois, tradicionalmente, a sua fragmentação desenvolveu uma cultura de trabalho calcada em profissões essencialmente disciplinares, cuja tomada de decisão se processa de forma isolada, observando apenas as limitações de cada especialização. Como a interação interdisciplinar prevê uma troca recíproca de conhecimento entre as áreas do saber, com o compartilhamento de objetivos comuns para a ação, é compreensível o estabelecimento de relações conflituosas, oriundas de atitudes dominadoras – assumidas por

determinados profissionais – que comprometem a interação, inibindo contribuições das demais áreas.

Serviço Social e interdisciplinaridade

Partindo do pressuposto de que a “interdisciplinaridade como postura e como perspectiva de articulação dos conhecimentos é uma necessidade cada vez mais incontestável no mundo do trabalho” (RODRIGUES, 1999, p. 42), é impossível pensar a ação do assistente social fora dessa relação.

Esta profissão apresenta-se como uma área fértil para a propagação desta tendência, uma vez que o caráter interdisciplinar se faz presente inclusive no processo de formação e produção do conhecimento do assistente social e o acompanha, de forma acentuada, em suas ações profissionais. Rodrigues (1995, p.157) acrescenta que:

Entendendo-se a interdisciplinaridade como ‘postura profissional’ e ‘princípio constituinte da diferença e da criação’ compreender-se-á que o Serviço Social – uma vez que articula diferentes conhecimentos de modo próprio, em um movimento crítico entre prática-teoria e teoria-prática – é uma profissão interdisciplinar por excelência. Assim, para o Serviço Social, a interação com outras áreas é particularmente primordial: seria fatal manter-se isolado ou fazer-se cativo. A interdisciplinaridade enriquece-o e flexiona-o, no sentido de romper com a univocidade de discurso, de teoria, para abrir-se à interlocução diferenciada com outros. Isto im-

plica romper com dogmatismos muitas vezes cultivados no interior da profissão.

Esta prática é também incentivada pelo Código de Ética do Assistente Social, no capítulo III, artigo 10, alínea d, no qual a participação em equipes interdisciplinares é apresentada como um dever profissional, a ser cumprido sempre que se apresentarem possibilidades. Esse dever relaciona-se com um dos princípios fundamentais deste Código, referente ao compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual, na perspectiva da competência profissional.

Portanto, o Serviço Social, ao buscar novas formas de executar seu trabalho, direciona seu envolvimento na ação interdisciplinar, compartilhando um espaço de troca mútua entre as especificidades do conhecimento e ultrapassando, no atendimento da complexidade das suas demandas, os limites de sua especialidade.

Pesquisando as publicações do Serviço Social, Vasconcelos (1997) identifica que a interdisciplinaridade começa a ser discutida nesta área apenas recentemente e de forma assistemática, apontando quatro linhas de debate.

A primeira linha destacada por este autor enfatiza as bases filosóficas e epistemológicas da prática interdisciplinar para as ciências em geral e para as ciências sociais em particular, que é dirigida principalmente por Martinelli et al. (1995), Severino (1989) e também Munhoz (1996).

A segunda linha, desenvolvida principalmente nas produções de Sá (1989), estuda a proposta de organização do ensino e pesquisa em Serviço Social em bases interdisciplinares, discutindo sua importância e suas formas de efetivação.

Como terceira linha de discussão do tema interdisciplinaridade no Serviço Social, Vasconcelos (1997, p.

133) aponta a estabelecida por Coutinho (1991), que enfatiza

[...] as bases filosóficas e políticas do pluralismo como exigência de uma abordagem democrática à práxis científica e profissional.

Por fim, indica também o estudo das práticas interdisciplinares em campos específicos de atuação deste profissional, apresentadas nas produções de Sampaio et al. (1989) e Marques e Ramalho (1989).

De acordo com estas observações de Vasconcelos (1997), referentes à produção teórica do Serviço Social, é possível perceber o quanto é extremamente novo para estes profissionais, ao menos o hábito de publicar o registro de suas ações nas equipes.

Com relação a sua intervenção interdisciplinar, esta pode ser entendida como multifacetada, a medida que necessita adequar-se aos objetivos e ao objeto de trabalho da equipe em que se insere, exigindo, desta forma, que o assistente social priorize determinados conhecimentos, atribuições e características em detrimento de outros. Portanto, a postura assumida relaciona-se com as áreas em que este profissional se insere no trabalho interdisciplinar.

Na Educação, por exemplo, a presença do assistente social possibilita a visualização da perspectiva do sujeito da Educação, permitindo a discussão de alguns determinantes sociais que influenciam o processo de ensino-aprendizagem.

Na Saúde, área na qual se identifica a maior produção bibliográfica do Serviço Social, com a publicação de textos e artigos relatando as vivências do trabalho interdisciplinar, observam-se posturas particulares, determinadas pela equipe em que se insere. De forma ilustrativa, pode-se apresentar a experiência de Freitas e Matsubara (1992) no Hospital Universitário Júlio Muller do Mato Grosso, na qual por

suas bases teórico-metodológicas e auxiliado por seu instrumental técnico-operativo, o assistente social é captador e detentor de grande número de informações. A posse destes dados fez com que ocupasse o papel de sistematizador e organizador das análises e decisões do grupo.

Nos Movimentos Ecológicos, o Serviço Social vem efetuando uma ação voltada para o reconhecimento das implicações sociais das ações ambientais. Os defensores desta ação acreditam fortemente que o trabalho coletivo de perspectiva interdisciplinar, nos movimentos ecológicos, possibilitará ampliar os limites da fragmentação, para uma busca de soluções em conjunto que apontará, com a troca de conhecimento, as melhores saídas para o todo.

Como a interdisciplinaridade não é um processo estático, a esta discussão devem ser acrescentadas muitas outras atitudes vivenciadas, inclusive em áreas em que o debate teórico relacionado ainda é muito pequeno.

Este é o caso das organizações (públicas e privadas) que vêm direcionando sua atenção para os resultados do trabalho das equipes, particularmente as interdisciplinares, nas quais o Serviço Social, por sua ação mediadora, encontra possibilidades de se inserir.

Assim, a observação das ações do assistente social, nos diversos campos,

permite afirmar que este profissional, segundo Iamamoto (2002, p. 41):

mesmo realizando atividades partilhadas com outros profissionais, dispõe de ângulos particulares de observação na interpretação dos mesmos processos sociais e uma competência também distinta para o encaminhamento das ações.

O que o torna uma “peça” importante no interior destas equipes. As exigências de características, conhecimentos e habilidades do assistente social – para o trabalho interdisciplinar nos diferentes campos – são muito semelhantes às desenvolvidas no seu trabalho isolado. Portanto, a diferença é que, nesse caso, as exigências de aprimoramento e requalificação são maiores, em função da necessidade de estar continuamente preparado para interagir com o conhecimento das outras áreas do saber.

Ressalta-se, contudo, que não há – dentre as características observadas – alguma que provoque estranheza quando relacionada à proposta da formação teórico-metodológica e técnico-operativa do profissional de Serviço Social, mas, em contrapartida, a observação destas nos faz questionar até que ponto o meio acadêmico incentiva o desenvolvimento das mesmas e/ou é adequado às reais exigências para o trabalho interdisciplinar.

Por fim, é extremamente importante reafirmar que estar atento para este espaço cria a possibilidade do Serviço Social expandir seu campo de atuação para áreas ainda desconhecidas ou pouco exploradas pela profissão. Nesta relação de troca de saberes, o Serviço Social tem a oportunidade de socializar com as demais áreas do conhecimento as suas reais especificidades e habilidades e, dependendo da competência do profissional, até romper com o “preconceito” que estas áreas historicamente atribuem à formação de assistente social.

Recebido em 25/02/2003. Aprovado em 09/04/2003.

Referências

- COUTINHO, C. N. *Pluralismo: dimensões teóricas e políticas*. Cadernos ABESS. São Paulo: Cortez, 1991.
- ETGES, N. J. *Produção do conhecimento e interdisciplinaridade: educação e realidades*. Porto Alegre, v. 18, n. 2, jul./dez. 1993, p. 73-82.
- FREITAS, L. O.; MATSUBARA, M. C. Trabalho coletivo – uma referência para a interdisciplinaridade. *In: Interdisciplinaridade: o pensado, o vivido*. Seminários de Educação, UFMT, 1996, p. 245-255.
- IAMAMOTO, M. Projeto profissional, espaços ocupacionais e trabalho do (a) Assistente Social na atualidade. *In: Atribuições privativas do Assistente Social (a) em questão*. Cadernos do CFESS, 2002.
- JANTASCH, A. P. ; BIANCHETTI, L. (Org.). *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- MARQUES, M. T. C.; RAMALHO, M. P. Os movimentos ecológicos e a interdisciplinaridade. *In: Serviço Social e interdisciplinaridade*, São Paulo: Cortez, 1989, p. 59-75.
- MARTINELLI, M. L. *et al. O uno e múltiplo nas relações entre as áreas de saber*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995.
- MUNHOZ, D. Trabalho interdisciplinar: realidade e utopias. *Revista Serviço Social e Sociedade*. São Paulo: Cortez, n. 51, ano XVII, 1996.
- NOGUEIRA, V. M. R.. A importância da equipe interdisciplinar no tratamento de qualidade na área de saúde. *Revista Katálysis*, Departamento de Serviço Social da UFSC, n. 01, junho/1997, Florianópolis, p. 40-48.
- RODRIGUES, M. L. O Serviço Social e a perspectiva interdisciplinar. *In: O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber*. São Paulo: Cortez, 1995, p. 152-158.
- _____. A dinâmica de ação na prática cotidiana do Assistente Social. *In: Ações e interlocuções: estudos sobre a prática profissional do Assistente Social*. São Paulo: Veras, 1999, p. 09-46.
- SÁ, J. L. (Org.). *Serviço Social e interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 1989.
- SAMPAIO, C. C. *et al.* Interdisciplinaridade em questão: análise de uma política voltada à mulher. *In: Serviço Social e interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 1989, p. 77-95.
- SEVERINO, A. J. *Subsídios para uma reflexão sobre novos caminhos da interdisciplinaridade*. Serviço Social e interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 1989.
- VASCONCELOS, E. M. Serviço Social e interdisciplinaridade: o exemplo da saúde mental. *Revista Serviço Social e Sociedade*. São Paulo: Cortez, n. 54, 1997, p. 132-157.

Fabiana Regina Ely
fabiregi72@zipmail.com.br

Rua José Maria da Luz, 563

José Mendes

Florianópolis/SC

CEP: 88045-000

Telefone 225-8351